

Do Sul ao Norte: uma introdução a Gramsci

LUCIANA ALIAGA

Marília: Ed. Lutas Anticapital, 2021. 199p.

*Rodolfo Sanches**

No ano de 2021 tivemos a grata satisfação de ver publicada uma importante contribuição da cientista política Luciana Aliaga para as pesquisas desenvolvidas sobre a vida e a obra de Antonio Gramsci, bem como acerca dos caminhos de tradutibilidade na compreensão de nossa realidade latino-americana e brasileira. *Do Sul ao Norte: uma introdução a Gramsci* se insere em uma trajetória pessoal (e coletiva) de reflexões e atividades organizativas na difusão e no debate do pensamento de Gramsci.

O livro ora resenhado está dividido em quatro partes que nos guiam por um adensamento teórico-conceitual do léxico gramsciano no diálogo com os grandes eixos constitutivos de seu pensamento. Na ordem, são: “Filosofia da Práxis: fundadores e fundamentos”; “Hegemonia, Subalternidade e Estado Integral”; “Os Intelectuais e o Moderno Príncipe”; e, por fim, “Revolução Passiva e Desenvolvimento Capitalista”. Assim que, nas considerações abaixo, procuraremos assinalar sinteticamente alguns pontos nodais destacados pela autora e que entendemos serem fundamentais.

Entusiasta dos horizontes teórico, político e social descortinados na Revolução Russa de 1917, Gramsci foi partícipe ativo das ocupações de fábrica durante o *Biennio Rosso*. Vivenciou, outrossim, a derrota das ocupações e a posterior crise teórica e político-organizativa no movimento socialista. Parlamentar comunista eleito, Gramsci, pouco antes de ser preso pelo regime fascista, escrevia seu opús-

* Professor de Ciência Política na Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: rodolfosanches.sociais@gmail.com

culo *Alguns temas sobre a questão meridional*, em que procurava *traduzir* para a realidade italiana os pressupostos políticos de constituição de uma frente única capaz de dar condições concretas para a transformação social revolucionária, ou seja, para a construção e sustentação de uma hegemonia das classes subalternas expressa na aliança operário-camponesa.

Nos escritos que produziu, e em especial durante os anos de seu encarceramento, Gramsci buscou realizar uma análise integral da história. Em sua “filologia vivente”, procurou dar atenção à “importância de conceber a história em seus movimentos complexos e contraditórios” (p.65), reconhecendo os nexos entre filosofia, história, economia, cultura e ação política. Esse percurso teórico-filosófico e histórico-social é apresentado e defendido com bastante esmero e assertividade por Luciana Aliaga, sendo esse um dos tantos atributos positivos de seu recente livro.

Em sua reflexão, Aliaga recupera as considerações de Gramsci acerca do fato primordial da Ciência Política: a existência de uma divisão entre governantes e governados. A autora sublinha que, em seu diálogo com N. Maquiavel, Gramsci conceitua a política como atividade independente, “científica”, e como prática concreta, “arte”, e que, incorporando Marx, identifica em ambos os autores a evidenciação do “dever ser”, de um programa de ação resultante da análise política. Estes constituem elementos fundamentais para a formulação do conceito de hegemonia de Gramsci, bem como para repensar o fato primordial nos termos do processo histórico.

À passividade das massas, sob a ótica gramsciana, não cabem mais explicações baseadas na imutabilidade da natureza humana, mas, ao contrário, tal fenômeno encontra sua compreensão nos fundamentos e nas estruturas que historicamente sustentam essa divisão no interior das relações sociais de forças, expressas centralmente na capacidade de organização das classes, observadas através do nexo hegemonia-subalternidade. Não obstante, sob o jugo da hegemonia liberal, a explicação fenomênica da realidade acabou servindo-se de conceitos úteis à própria sociabilidade capitalista, baseada na contraposição entre desorganização das massas e protagonismo político das minorias dirigentes, reiterando-se, assim, a condição natural de passividade popular, contribuindo para a desorganização das classes subalternas.

Acompanhando o marxista Antonio Labriola, seu contemporâneo, Gramsci reitera o caráter fundamental da filosofia da práxis, quer como unidade orgânica entre teoria e prática, quer como uma filosofia produtora de uma moral e ética adequadas a uma nova hegemonia. Para tanto, a “subversão” da práxis, alinhavada na 11ª Tese sobre Feuerbach de Marx, não se torna possível sem que se depurem os reducionismos de cunho idealista – em Benedetto Croce, a cisão entre teoria e prática – e também materialista vulgar – a influência e as consequências do positivismo nas formulações políticas de Bukharin e de parte dos socialistas.

A filosofia da práxis, para Gramsci, só seria capaz de prever cientificamente a luta de classes, o próprio esforço voluntário dos sujeitos que participam como atores do drama histórico, mas não seus momentos concretos. A esses, pondera

Aliaga (p.55), caberá o exercício contínuo de análise da realidade política, bem como o reconhecimento do “papel das ideologias na composição do real”. Ou seja, é preciso considerar que as ideologias, a vontade e a ação humana são partes constituintes da realidade efetiva. Nesse sentido, história e filosofia são inseparáveis, formam um “bloco”.

Daí, portanto, a natureza dúplice do “centauro maquiavélico” (força e consenso) fundamentar as reflexões acerca de um tema central como o *Risorgimento*. No processo histórico da revolução passiva italiana, da modernização conservadora, vislumbram-se as marcas do reformismo lento e progressivo, via incorporação parcial das demandas das classes subalternas, mas igualmente excludente ao apartá-las dos centros decisórios do poder – uma vez que, no intuito de agregar frações de sua classe e também dos subalternos, observa Aliaga, o transformismo assegura uma via de reposição da subalternidade, logo, de reiterada passividade.

Evocando as avaliações de Edmundo Dias, vê-se a hegemonia não como mero domínio ideológico, mas como uma “racionalidade de classe”, pois evidencia a íntima relação entre forjar uma concepção de mundo e sua realização como hegemonia, transformando-a em fé, quando não mais é discernida como histórica e socialmente determinada, mas crida como universal e legitimamente validada. De forma que “os processos de hegemonia se referem tanto às relações de força no âmbito das concepções de mundo”, e, por isso mesmo, “implicados na formação subjetiva dos consensos e dos conformismos, quanto no âmbito das relações objetivas entre as classes, que sustentam o poder político por meio da reprodução da dominação capitalista” (p.93). Relacionam-se, portanto, à esfera da sociedade civil, o *locus* da atividade econômico-produtiva, e também à sociedade política (Estado), que conta com seus aparelhos administrativos-repressivos, mas imbricam-se na mesma relação de forças sociais, base de sustentação para uma hegemonia de classe. O caráter de “unidade-distinção” entre essas esferas é, portanto, fundamental na conceituação de Estado Integral em Gramsci: “Estado = sociedade política + sociedade civil, ou seja, hegemonia encorajada de coerção” (Gramsci apud p.108).

Eis aqui a importância dos intelectuais (e também dos agrupamentos coletivos) na ação política de produção e reprodução do consenso social. Sendo prepostos de uma classe social fundamental, contribuem na elaboração e consolidação hegemônica, difundindo filosofias e/ou ideologias mediante aparelhos privados de hegemonia que, por fornecerem base material de esteio ao poder, amparam a organização política das classes sociais.

Optamos por apontar tais elementos por entendermos que Luciana Aliaga, ao longo de seu livro, mobiliza-os para argumentar uma condição fundamental do pensamento gramsciano que assim resumimos: a “ciência” e a “arte” da política manifestam sua organicidade na medida em que a filosofia da práxis (também concepção de mundo) realiza-se como filosofia vivente. E é sobre essas bases que somos chamados tanto à reflexão e à ação quanto à crítica do nosso tempo. Boa leitura!

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O retorno de Engels

John Bellamy Foster

Althusser e o materialismo do encontro

Cesar Mangolin

Marx e o colonialismo

Flávio Miranda

Classes e movimentos sociais

Eliel Machado

Classe média e corrupção

Sávio Cavalcante

Dossiê Marxismo e relações internacionais

46